

## O FEMININO NA INTERSECCIONALIDADE E ENVELHECIMENTO HUMANO.

Kenia Johner<sup>1</sup>  
Cristina Fioreze<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo traz um estudo sobre o estado da arte da feminização da velhice a partir de uma pesquisa bibliográfica que teve por objetivo mapear a produção acadêmica desse assunto pelo viés de gênero e interseccionalidade. O levantamento de dados ocorreu de forma on-line, sendo incluídos artigos originais que estivessem na língua portuguesa, respondessem ao objetivo do estudo e com publicação no período de 2015 a fevereiro de 2021. Teve por base de dados o portal Banco de Teses e Dissertações da CAPES/Domínio Público, Diretório de Grupos de Pesquisa – CNPq, Biblioteca Virtual de Revistas Científicas Brasileiras (SciELO), Google acadêmico, Pubmed, Lilacs, Scopus e Medline sendo utilizados como descritores: Feminização do envelhecimento; Envelhecimento; Gênero; Interseccionalidade e Feminização. Observa-se que a variável gênero atua como fator determinante nesse fenômeno, tornando-se necessários mais estudos que voltem-se para tal realidade a partir da perspectiva da interseccionalidade.

**Palavras-chave:** Feminização do envelhecimento. Envelhecimento. Gênero. Feminização. Interseccionalidade.

### INTRODUÇÃO

As mulheres vivem uma média de sete anos a mais do que os homens. Dados da tábua de mortalidade indicam que os homens possuem uma expectativa de vida de 72,8 anos, e as mulheres, uma expectativa de vida de 79,9 anos (IBGE, 2018).

As discussões acerca do envelhecimento apontam as repercussões de gênero no processo, uma vez que a velhice afeta de forma diferenciada homens e mulheres (MEIRA 2017; OLIVEIRA, 2018; SOARES 2021, TAVARES 2018).

Para que haja compreensão da amplitude desse fenômeno é necessário entender esse processo como não homogêneo e relacionado às atribuições desses papéis sociais distintos. Segundo Zanello et al. (2015, p. 544):

---

1Mestranda em Envelhecimento Humano (PPGEH/UPF) Esteticista e Cosmetóloga (ULBRA Carazinho), Pós - Graduada em Estética e Cosmetologia: Prática Avançada (FISEPE), <keniajohner@hotmail.com>;  
2 Doutora em Sociologia (UFRGS). Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e graduação em Serviço Social pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora do Curso de Pós Graduação Strictu Sensu em Envelhecimento Humano (UPF). <cristinaf@upf.br >

“a velhice deve ser compreendida a partir dos diversos contextos sociais, culturais e políticos em que ela se insere e através dos quais ela é interpretada. Assim, dentro de uma mesma sociedade como a nossa, encontramos no fenômeno do envelhecimento especificidades importantes no que tange a diferenças raciais, de gênero e de classe econômica que dão a este processo determinadas facetas”.

Vale ressaltar que esse levantamento se pauta na teorização da interseccionalidade, que conforme Kyrillos (2020) é uma ferramenta que consegue avaliar contextos e teorias, levando-se em consideração uma perspectiva que considere as intersecções entre outras categorias além do gênero, sendo capaz de lidar com mais de uma forma de opressão e discriminação simultaneamente presentes (KYRILLOS, 2020). Desta forma, os processos discriminatórios “não são compreendidos isoladamente, nem se propõem a uma mera adição de discriminações, mas sim, abraça-se a complexidade dos cruzamentos dos processos discriminatórios e a partir daí se busca compreender as condições específicas que deles decorrem” (KYRILLOS, 2020, p.1).

Sendo assim, este levantamento possui o objetivo de identificar, o estado da arte, o gênero como uma variável que age de maneira determinante no envelhecimento e investigar os outros aspectos significativos das experiências de envelhecimento e suas possíveis fronteiras do conhecimento. Objetiva também compreender a potencialidade da interseccionalidade no intuito de visibilizar situações de opressão e desigualdades sociais

## **METODOLOGIA**

Para elaboração da presente revisão, foram utilizadas as seguintes etapas: formulação da questão de pesquisa; seleção dos artigos e estabelecimento dos critérios de inclusão; obtenção dos artigos que constituíram a amostra; avaliação dos artigos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

Para a primeira etapa elaborou-se a seguinte questão norteadora quais são as evidências científicas publicadas nos últimos seis anos que abordam os fatores relacionados à feminização da velhice sob a perspectiva de gênero e interseccionalidade? A segunda etapa constituiu-se na busca dos artigos, em março de 2021, de forma on-line, utilizando o marcador booleano AND e OR entre os descritores

controlados, cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e na *Medical Subject Headings (MeSHTerms)*, conforme: feminização da velhice, gênero, interseccionalidade.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: estudos que abordassem a feminização da velhice diante da perspectiva de gênero e interseccionalidades, em português. Foram excluídos aqueles estudos que se encontravam repetidos nas bases pesquisadas. No presente estudo optou-se pela utilização dos artigos classificados nos níveis A1, A2, B1 e B2, conforme Quadro 1. Na quarta etapa, os artigos foram lidos crítica e exaustivamente, sendo separados em três eixos temáticos que convergiam pela similaridade dos seus resultados, são eles: gênero e violência contra a mulher, trabalho e cuidado, interseccionalidade e sexualidade, totalizando 17 artigos conforme Quadro 1.

**Quadro 1 – Artigos que compuseram os dados do estado da arte**

Ano	Título	Autores	Periódico	Qualis
2015	Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica	Valeska Zanello; Lívia Campos e Silva; Guilherme Henderson	Psicologia: teoria e pesquisa	A1
	A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social	Alessandra Vieira Almeida; Simone Caldas Tavares Mafra; Emília Pio da Silva e Solange Kanso	Textos & Contextos (Porto Alegre)	B1
2016	Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização	Guita Grin Debert; Julio Assis Simões; Carlos Eduardo Henning	Sociedade e Cultura	B2
2017	Vivências de mulheres cuidadoras de pessoas idosas dependentes: orientação de gênero para o cuidado	Edmeia Campos Meira; Luciana Araújo dos Reis; Lúcia Hisako Takase Gonçalves; Vanda Palmarella Rodrigues; Rita Radl Philipp	Escola Anna Nery	B1
	Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”	Carlos Eduardo Henning	Horizontes Antropológicos	A1
	Interseções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas	Juliana Fernandes-Eloi; Anne Joyce Lima Dantas; Aline Maria Barbosa Domicio Souza; Elder Cerqueira-Santos; Luciana Maria Maia	Saúde e Transformação Social	B1
2018	Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão	Estephania de Lima Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Iolete Ribeiro da Silva	Psicologia & Sociedade	B2
2018	Sobre amor, sexo e proteção social: traçados de classe, gênero e geração	Márcia Santana Tavares	Revista de Políticas Públicas	B2
2018	Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração	Patricia Krieger Grossi; Simone Barros de Oliveira; Jairo da Luz Oliveira	Revista de Políticas Públicas	B2
2018	A feminização da velhice: representação e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas	Isabella Lourenço Lins; Luciana Vieira Rubim Andrade	Mediações - Revista de Ciências Sociais	B2

2018	Classe, gênero, raça e movimentos sociais: a luta pela emancipação	Helena Hirata	Revista de Políticas Públicas	B2
2018	Representações sociais da violência contra mulheres rurais para um grupo de idosas	Maiara Carmosina Hirt; Marta Cocco da Costa; Jaqueline Arboit; Marinês Tambara Leite; Lillian Zielke Hesler; Ethel Bastos da Silva	Revista Gaúcha de Enfermagem	B1
2019	Cartografias do envelhecimento em contexto rural: notas sobre raça/etnia, gênero, classe e escolaridade	João Paulo Ferreira; George Leeson; Vivian Ramos Melhado	Trabalho, Educação e Saúde	B1
2020	Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?	Pâmela Rocha Vieira; Leila Posenato Garcia e Ethel Leonor Noia Maciel	Revista Brasileira de Epidemiologia	B1
2020	Comparando relações de cuidado: Brasil, França, Japão	Helena Hirata	Estudos Avancados	B1
2020	Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade	Gabriela M. Kyrillos	Revista de Estudos Feministas	A1
2021	O silêncio da sexualidade em idosos dependentes	Konrad Gutterres Soares; Stela Nazareth Meneghel	Ciência & Saúde Coletiva	B1
Total de artigos	17			

Fonte: Elaboração própria.

## GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Os diferentes papéis e valores estabelecidos para a identidade masculina e femininas ditados pela sociedade criam diferentes esferas, em que certos hábitos e características são socialmente aceitos para determinado sexo em detrimento a outro. Esses papéis são comumente embasados em uma lógica de submissão feminina e, de acordo com Oliveira (2018), “[...]esses sentidos podem interferir e legitimar a forma de uma pessoa comportar-se e o que ela deve negar em si para enquadrar-se nos modelos socialmente construídos”.

Assim, apesar de serem a maioria na população e apresentarem maior expectativa de vida, as mulheres idosas somam no curso de suas vidas uma série de desvantagens que levam a diferentes desfechos na sua velhice. Essas diferenças no desempenho da identidade de gênero se acentuam na medida em que elas envelhecem e também as impele a continuar exercendo esse mesmo papel quando pessoas idosas, em diferentes contextos: estado conjugal (ALMEIDA, 2015), sexualidade (OLIVEIRA, 2018), trabalho e cuidado (DEBERT, 2016; MEIRA, 2017).

Oliveira (2018) afirma que

“embora tenha ocorrido, nas últimas décadas, o franco declínio do paradigma patriarcal, ele orientou inúmeras gerações de mulheres, que hoje se apresentam com mais idade, submetendo-as ao disciplinamento, à repressão sexual e social, limitando-as quanto à escolaridade, com restrições ao seu corpo e à sua sexualidade, ao acesso e permanência ao mercado de trabalho, marcadas pela aparente negação de interesse e capacidade para a política”.

Diante desse cenário, as mulheres idosas podem sofrer diferentes tipos de preconceitos e violências - tanto de forma velada quanto de maneira explícita - que são muitas vezes invisibilizados e sustentados por essa estrutura historicamente construída e alimentada. É importante que compreendamos que a violência contra a mulher não se resume ao seu físico. Conforme expresso na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006, Artigo 5º), deve ser compreendido como violência contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).

Estudos como o de Hirt (2018) evidenciam as mulheres idosas como aquelas que não percebem que estão sendo violentadas:

“A representação da violência contra a mulher ancorada na dimensão social, em que está acontece diariamente. Porém, ao não ser compreendida como uma violência, passa a ser banalizada e naturalizada pelas idosas, haja vista que tal evento se mostra como um fenômeno corriqueiro, introjetado ao seu cotidiano e que passa muitas vezes despercebido” (HIRT, 2018).

A violência contra a mulher é um problema mundial de saúde pública, tendo como consequência mais grave o feminicídio. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em todo mundo, cerca de uma (1) em três (3) ou 35% das mulheres experimentam violência sexual por um parceiro íntimo ou de não parceiro. Além disso, 30% de todas as mulheres que estiveram em um relacionamento sofreram violência física e/ou sexual pelo parceiro íntimo. Mundialmente, até 38% dos assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros íntimos (WHO, 2017).

No Brasil a incidência da violência contra a mulher tem aumentado anualmente e os números se elevaram vertiginosamente desde o início da pandemia da COVID-19. Segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março, mês da mulher, houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços Disque 100 e Ligue 180 em relação a 2019 (Vieira, 2020). Somente no Estado de São Paulo, em 2020, houve um aumento de 138% nos casos de feminicídio

comparado ao primeiro trimestre de 2018 e de 38% comparado ao mesmo período de 2019 (BRASIL, 2020).

## SEXUALIDADE

A vida sexual de pessoas idosas é permeada por muitos tabus e preconceitos. De acordo com o gênero, percebe-se diferenças na valorização e no exercício da sexualidade.

Oliveira (2018), em estudo realizado com mulheres idosas, percebeu que os sentidos de sexualidade atribuídos por essas mulheres - sexo como obrigação e a sexualidade vinculada ao corpo saudável para viver a sexualidade, culpando a doença - podem estar pautados em relações socialmente construídas pelos modelos de gênero, implicando diretamente no desejo sexual e em ideologias mecanicistas produzidas pelo sistema capitalista seguindo a ideia de “corpo improdutivo” . Outro aspecto importante a considerar é que mesmo as idosas que evocam ainda sentir desejo sexual não se permitem vivenciar novas experiências. No caso em estudo, fica claro que os estereótipos sociais e a pressão que exercem podem ter influenciado para que essas mulheres não pudessem vivenciar sua sexualidade livremente.

De acordo com Soares (2021), em estudo de abordagem qualitativa realizado com 26 idosos, “homens idosos conferem importância para a potência sexual, e mulheres idosas consideram natural a cessação da vida sexual na velhice. Os idosos do sexo masculino enunciam um conceito de sexualidade pautado na satisfação biológica e no ato sexual, enquanto as mulheres valorizam mais a parceria, o afeto e o carinho”. Esse tratamento assimétrico é verificado por Zanello (2015), quando através de entrevistas baseadas em questionário semiestruturado com 18 idosos conseguiu perceber que as relações amorosas foram mais enfatizadas e recorrentes no discurso das idosas. Para as mulheres, essas relações apareceram marcadas, sobretudo, pela fidelidade e ausência de relações após a morte do marido (78%). Em contrapartida, a fidelidade e a exclusividade nas relações amorosas não apareceram na fala dos homens. Ao contrário, foi possível perceber poucas falas que se remetiam a um grande amor. Por outro lado, para eles, o tema em questão fez surgir queixas relacionadas à ausência de sexo.

No que diz respeito ao entrelaçamento de sexualidades, envelhecimento e geração, as pesquisas sobre indivíduos idosos com práticas homossexuais e

homossexuais, gays, bissexuais e transgêneros têm se desenvolvido recentemente. Henning (2017) apresenta um olhar sobre as investigações dos processos de envelhecimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros e conclui que no que concerne ao campo da homossexualidade feminina e envelhecimento de travestis as pesquisas são mais escassas porém com potencial de crescer exponencialmente.

## **TRABALHO E CUIDADO**

Da perspectiva do contexto de trabalho, a literatura demonstra que diferentes mulheres enfrentam as dificuldades atreladas ao preconceito de idade. A pesquisa realizada por Almeida (2015), de caráter exploratório-descritivo, sinalizou que apesar de a mulher idosa possuir baixa renda, são elas que muitas das vezes contribuem com a renda familiar, ajudando filhos ou dependentes. Somadas à baixa escolaridade, as oportunidades de trabalho, em que as mulheres eram inseridas, estavam ligadas à atividades domésticas, como serviços gerais, costuras e educação de crianças, consideradas como uma extensão do trabalho que desenvolvido no lar.

No mercado de trabalho, as mulheres idosas estão concentradas em ocupações que tendem a ser de pior qualidade, baixos salários, menor proteção da legislação trabalhista e previdenciária, menos perspectivas de crescimento na carreira, assim reafirmando a ideia de segregação ocupacional e da divisão de gêneros (ALMEIDA et al., 2015). Essa realidade pode causar consequências como risco social devido às limitações sofridas pelo baixo nível de escolaridade, considerada limitadora de sonhos e planos. A realização do cuidado a membros da família que por vezes dão a mulher idosa sensação de aprisionamento, a dependência financeira, a solidão que ocorre por muitas vezes devido à viuvez e a maior incidência de doenças crônicas (ALMEIDA et al., 2015).

Outro aspecto a ser observado é o caso das mulheres que assumem as ações primárias de cuidar dos familiares. O estudo de Meira (2017) parte da hipótese central de que as vivências em relação ao cuidado se fundamentam especialmente nos aspectos identitários do cuidado que entendem a identidade de gênero feminino predisposto especialmente para o labor do cuidado. Conforme Meira (2017), a responsabilidade de cuidar da pessoa idosa dependente em convivência familiar recai prioritariamente sobre a mulher, sendo filha ou cônjuge, a que tem mais idade e esteve mais próxima na

A mulher cuidadora não planeja para si o ato de cuidar, porém o entende como o cumprimento de uma obrigação, sendo que essa obrigação poderá ser tanto imposta quanto voluntária. Conforme Hirata (2018; 2020) há poucas mulheres na construção civil, na aviação, na mineração, e há poucos homens em creches, no trabalho doméstico e de cuidados e entre as professoras primárias. “As mulheres continuam a realizar majoritariamente o trabalho de cuidado e segundo a mesma “provavelmente, a tendência será de continuar assim, na medida em que se trata de um trabalho em grande parte precário, com baixos salários, pouco reconhecido e pouco valorizado”. Esta realidade parece encontrar explicação no fato de que se rejeita a ideia de que o gênero masculino possa exercer o labor do cuidado realizada tradicionalmente e gratuitamente na esfera doméstica e familiar pelas mulheres.

## INTERSECCIONALIDADE

Os desafios encontrados pelas mulheres no seu envelhecimento nem sempre são totalmente conhecidos, pois a maioria dos estudos sobre envelhecimento não leva em consideração o entrecruzamento de fatores associados às identidades sociais. Nos estudos organizacionais, a interseccionalidade tem se concentrado em uma ou outra categoria de análise, como: classe e escolaridade (ALMEIDA, 2015; FERREIRA, 2019; TAVARES 2018); sexualidade (DEBERT, 2016; ELOI 2017; HENNING, 2017), raça/etnia (GROSSI, 2018). Dessa forma, a teorização da interseccionalidade interessa aos estudos da feminização do envelhecimento no que tange analisar as múltiplas opressões vivenciadas pelas mulheres que impactam na sua velhice.

Em estudo de caráter quali- quantitativo (FERREIRA, 2019), em uma amostra de 500 sujeitos (n = 250 homens; n = 250 mulheres), com 60 anos e mais, usuários do Sistema Único de Saúde e residentes na zona rural de uma cidade de porte médio, no interior do estado de São Paulo, Brasil, através de questionário, com intuito de descrever e analisar as condições sociais gerais desses idosos, corroboram desigualdades em termos de gênero e raça/etnia. As mulheres autodeclaradas pretas são mais vulneráveis do ponto de vista econômico e de escolaridade, em relação às mulheres autodeclaradas brancas e aos homens autodeclarados brancos ou pretos na mesma faixa etária.

Do mesmo modo, Grossi et al. (2018), em estudo recente sobre mulheres quilombolas, constataram uma estrutura social marcada por assimetrias de gênero, raça/



etnia e geração, onde estes sujeitos não possuem sua cultura e tradição valorizadas, e conseguem se inserir no mercado de trabalho de forma precária e lutam ainda pelo direito à titulação de suas terras e a garantia de acesso aos seus direitos de cidadania.

Abordar a temática da interseccionalidade diz respeito a entender suas raízes, tensões e imbricações que produzem e reproduzem desigualdades, mas também permite entender resistências e elaborar estratégias de confronto dessas configurações que acompanham o aumento da expectativa de vida da população brasileira.

## NOVAS NECESSIDADES E ESTRATÉGIAS

Através de estudos que se dedicam à temática da feminização da velhice, é possível afirmar que as complicações associadas ao fenômeno estão relacionadas ao fato de que o modo de envelhecimento das atuais gerações de mulheres é complexo e fortemente marcado pelos estereótipos de gênero que prevalecem em suas vidas.

A discriminação contra as mulheres idosas está arraigada na sociedade, e os preconceitos e estereótipos não serão rapidamente desconstruídos. Assim, a concretização dos direitos da mulher demanda, além de ações do Estado, a participação da sociedade, pois as leis não bastam para mudar esse contexto cultural que legitima e naturaliza a sujeição feminina.

Lins (2018, p. 460) destaca que “é necessário que os movimentos feministas e de mulheres e também os movimentos de pessoas idosas estejam atentos às diferenças que são conformadoras a partir de uma desigualdade ainda estrutural”, pois “também podem configurar-se como espaços de aprendizagem, dando visibilidade a determinadas questões e pautas”.

Para Almeida, essa realidade merece atenção especial e ressalta que

“a busca de ações que visem minimizar as desigualdades sociais e culturais existentes, deve considerar as idosas de hoje e, também, todos os que se tornarão parte da população idosa no futuro. Assim, uma ação importante é o incentivo à educação ao longo da vida, que pode diminuir as desigualdades em termos financeiros, aumentando o acesso ao mercado de trabalho, bem como o acesso aos direitos do idoso e seu conhecimento, entre outros aspectos” (ALMEIDA, 2015, p. 130).

Ações que impulsionem o envelhecimento ativo e com qualidade de vida são importantes para isso. Segundo Ferreira (2019, p. 247),

“intervir frente às diversas demandas que implicam o envelhecer para a mulher, com enfoque na implementação de projetos que visem a elaboração de Linhas de Cuidado específicas, bem como na gestão de programas de cuidados prolongados e equipamentos de atenção à saúde da mulher, orientação para o autocuidado, prevenção contra a violência e atitudes discriminatórias, incentivo a participação social e cidadania, fortalecimento das políticas públicas sociais e de saúde já existentes e prospecção de novas políticas afirmativas de direitos”.

A categoria interseccionalidade capta outras violências estruturais que coadunam para tornar a vida das mulheres ainda mais difícil. Nesta perspectiva, o Estado e a sociedade civil têm papel fundamental e um grande desafio a desempenhar, no sentido de gerar discussões acerca da perspectiva de gênero e velhice de maneira articulada e traçar estratégias de enfrentamento as discriminações e violências contra a mulher idosa, percebendo as múltiplas necessidades experimentadas por este segmento da população.

## **CONSIDERAÇÕES**

A revisão permitiu identificar que a feminização do envelhecimento vem sendo alvo comum de pesquisas nas últimas décadas, porém, verificou-se uma lacuna no que se refere à temática da interseccionalidade.

Denota-se a importância da realização de estudos futuros que poderão proporcionar novos dados, para que se possa trazer de forma mais abrangente a discussão da interseccionalidade, pois é ela que permite pensar nas complexidades e nos imbricamentos das forças sociais, políticas e históricas que produzem os sujeitos e os processos de marginalização e exclusão, merecendo maiores investigações acerca dos seus determinantes, bem como de ações de intervenção.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, A. V.; MAFRA, S. C. T.; DA SILVA, E.P.; KANSO, S. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 14, n. 1, p. 115-131, 2015.

BRASIL. Lei nº11.340, 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União, 8 de agosto de 2006. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 21 abril. 2021.

ELOI, J. F.; DANTAS, A. J. L.; SOUZA, AMBD; SANTOS, E. C.; MAIA, L. M. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Sau. & Transf. Soc. Florianópolis**, v.8, n.1, p.61-71, 2017.

FERREIRA, J. P.; LEESON, G.; MELHADO, V. R. Cartografias do envelhecimento em contexto rural: notas sobre raça/etnia, gênero, classe e escolaridade. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2019.

GROSSI, P. K.; OLIVEIRA, S. B.; OLIVEIRA, J. L. Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. **Revista de Políticas Públicas**. v. 22, p. 929-47, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9825/5781>.

HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horiz. antropol.**[online]. v .23, n. 47, p .283-323, 2017.

HIRATA, H. Classe, gênero, raça e movimentos sociais: a luta pela emancipação. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, p. 1-18, 2018. Recuperado de <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/9779>

HIRATA, H. Comparando relações de cuidado: Brasil, França e Japão. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 25-40, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.003

HIRT M. C.; COSTA M. C.; ARBOIT, J.; LEITE, M. T.; HESLER, L. Z.; SILVA, E. B. Representações sociais da violência contra mulheres rurais para um grupo de idosas. **Rev Gaúcha Enferm** [Internet], v. 38, n. 4, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.68209>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, Rio de Janeiro: IBGE, 2018. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica; n. 37).

KYRILLOS, G. M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2020000100204&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100204&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 abr. 2021.

LINS, I. L.; ANDRADE, L. V. R. A feminização da velhice: representação e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas idosas. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 3, p.436-465, Set./Dez. 2018.

MEIRA, E. C. et al. Vivências de mulheres cuidadoras de pessoas idosas dependentes: orientação de gênero para o cuidado. **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p., 1-8, maio 2017.

OLIVEIRA, E. L.; NEVES, A. L. M.; SILVA, I. R. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 30, e. 166019, p. 1-10, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822018000100232&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100232&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 09 de abril. de 2021.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (SSP SP). **Estatísticas** - violência contra as mulheres. Disponível em: <https://www.ssp.sp.gov.br/Estatistica/ViolenciaMulher.aspx>. Acesso em 02 de abril de 2021.

SOARES, K. G.; MENEGHEL, S. N. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2021.

TAVARES, M. S. Amor, sexo e proteção social: traçados de classe, gênero e geração. **REVISTA DE POLITICAS PUBLICAS**, 2018.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, e200033, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200033>

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Violence Against Women. 2017.

ZANELLO, V. A saúde mental sob o viés de gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica In: V. Zanello; A. P. M. D. Andrade (Orgs.). **Saúde Mental e Gênero**. Diálogos, Práticas e Interdisciplinaridade. Curitiba: Editora Appris, 2014, p. 41-58.